

TATIANNE SILVA SANTOS

COLEÇÃO LITERATURA PARA INFÂNCIAS

QUILOMBO BRISA DA MEMÓRIA: LUGAR ONDE O VENTO SOPRA O QUE O TEMPO NUNCA LEVOU



TATIANNE SILVA SANTOS

COLEÇÃO LITERATURA PARA INFÂNCIAS

QUILOMBO BRISA DA MEMÓRIA: LUGAR ONDE O VENTO SOPRA O QUE O TEMPO NUNCA LEVOU

Elias de Pádua Monteiro

Reitor do IF Goiano

Luciano Carlos Ribeiro da Silva

Pró-reitoria de Extensão

Geísa D'Ávila Ribeiro Boaventura

Pró-reitoria de Ensino

Gilson Dourado da Silva

Pró-reitoria de Administração

Ana Maria Rodrigues de Resende

Pró-reitoria de Gestão de Pessoas

Alan Carlos da Costa

Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Equipe do Núcleo da Editora IF Goiano

Sarah Suzane Bertolli

Coordenadora Editorial

Daiane de Oliveira Silva

Assessora Técnica

Ana Paula Oliveira Sousa

Assessora Editorial

Revisão textual

Bárbara Rayne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Projeto gráfico e diagramação

Bruna Ranyne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Capa

Dhandara Entreportes (Coelum Editorial)

Ilustrações

Criadas com uso de IA generativa no Gemini

Bibliotecária responsável

Daiane de Oliveira Silva

Esta obra é parte dos resultados do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais, desenvolvido pelo Instituto Federal Goiano em parceria com a Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola, vinculada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI/MEC).

As atividades de pesquisa, escuta, registro e sistematização de narrativas, experiências e práticas educativas que deram origem a esta obra foram realizadas em consonância com os preceitos éticos estabelecidos para pesquisas envolvendo seres humanos, tendo sido aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer Consubstanciado nº 7.954.830 e CAAE: 93147625.1.0000.0036

Tatianne Silva Santos

Coordenadora do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

S237q Santos, Tatianne Silva.
Quilombo Brisa da memória: lugar onde o vento sopra o que o tempo nunca levou / Tatianne Silva Santos. - 1. ed. - Goiânia: IF Goiano, 2026.
36 p., il.

ISBN (e-book): 978-85-65871-62-4
ISBN (impresso): 978-85-65871-66-2

Coleção literaturas para infâncias

1. Educação Escolar Quilombola. 2. Memória Quilombola. 3. Cultura negra.
4. Educação Antirracista. 4. Ancestralidade Afro-brasileira. I. Santos,
Tatiane Silva. II. IF Goiano. III. Título.

CDU: 82-93:37.014.523(=96)(81)

Ficha elaborada por Daiane de Oliveira Silva – Bibliotecário/CRB 1 nº 2685

Aos negros e negras.

PREFÁCIO

Há Ventos que apenas passam, e há Ventos que conduzem histórias. Foi um desses Ventos – o Vento que sopra de dentro das comunidades quilombolas do estado de Goiás – que nos trouxe até aqui. Em 2025, atendendo ao chamado da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC), o Instituto Federal Goiano (IF Goiano) respondeu à carta convite da Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola, com um projeto que nasceu do desejo de aprender com quem guarda, há séculos, o segredo da resistência e da vida coletiva. Assim, surgiu a Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais no âmbito das comunidades quilombolas de Goiás.

Foi desse chão fértil, tecido de parcerias, trocas e escutas, que brotou a pesquisa “Cultura negra em sala de aula: memórias quilombolas em perspectiva etnográfica para uma educação antirracista” – e dela, este livro, que chega agora para soprar memórias, despertar encantos e colorir as páginas da educação com o perfume da terra e o som dos tambores de Brisa da Memória.

Durante o ano de 2025, nossas andanças seguiram pelo asfalto que liga as cidades e atravessa histórias. Visitamos comunidades quilombolas, cada uma com sua história, seu ritmo e seu modo próprio de ensinar o mundo.

Em cada território, fomos recebidos com generosidade por mulheres e homens que conhecem o tempo das águas e a força das ervas, que dominam o valor da palavra e o poder do silêncio. Carregam no gesto a resistência e o respeito aos anciãos, preservam a memória como quem protege um tesouro antigo e ensinam com o olhar, com o sorriso e com a partilha simples do cotidiano.

Foi nesse convívio – entre histórias contadas à beira do portão, passos tranquilos pelas ruas, prosas compartilhadas ao cair da tarde, cafés passados com carinho e risadas que se misturam ao

aroma do chá – que aprendemos que o saber mora na convivência. É nas trocas simples, nos gestos cotidianos e nas conversas que nascem sem hora marcada que a vida ensina. Cada encontro foi uma aula de humanidade, de força e de ternura, um lembrete de que o conhecimento também floresce nos afetos e nas escutas que o tempo permite.



Escutamos as vozes dos mais velhos, os conselhos das mestras e dos mestres, as cantigas das crianças, o ranger do pilão, o eco dos festejos e o sussurro das lembranças. Foi na escuta paciente e respeitosa dessas narrativas que entendemos: educar é também narrar o que se vive, o que se sonha e o que se guarda. Nos diários de campo, entre uma prosa e outra, a pesquisa foi se

tornando mais que um registro, tornou-se um gesto de reverência às memórias quilombolas e ao protagonismo de quem sempre soube ensinar com a vida.

Este livro nasceu, portanto, de um trabalho coletivo, tecido por mãos de pesquisadoras e pesquisadores unidos pelo mesmo compromisso: dar visibilidade à cultura negra e quilombola nas escolas e fortalecer a educação para as relações étnico-raciais.

Cada história, cada ilustração e cada palavra aqui escrita foi semeada com carinho, pensando nas crianças dos anos iniciais do ensino fundamental – pequenos leitores que, mais que decodificar letras, merecem aprender a sentir, a imaginar e a reconhecer o valor do lugar onde vivem.

Em *Quilombo Brisa da Memória: lugar onde o Vento sopra o que o tempo nunca levou*, o território se transforma em espaço de vida e de saber, as ruas se fazem caminhos de memória e o Vento que corre entre as casas traz histórias antigas e sopra futuros possíveis. O som da cidade se mistura às vozes que guardam o passado e o aprender acontece nas conversas, nas calçadas, nos gestos cotidianos que tecem pertencimento.

Mais do que um livro paradidático, este é um livro afetivo, feito de encontros, de palavras doces e de imagens que florescem como sementes. Santa Esperança de Goiás, uma cidade fictícia inspirada em quilombos de Goiás, abriga um quilombo urbano pulsante, que vive e resiste entre o concreto e o sonho – um lugar onde o Vento não se perde: ele atravessa o asfalto e continua ouvindo as histórias de quem nunca deixou de existir.

Este livro é, portanto, um brinde à ancestralidade. Um gesto de gratidão à Secadi/MEC, que acreditou e fomentou a formação do curso Escola Quilombo; ao IF Goiano, que acolheu o projeto com sensibilidade; às comunidades quilombolas, que abriram suas portas e seus corações; e a todos os que compreendem que educar é também semear memórias, colher dignidade e florescer

pertencimentos. Que estas páginas ajudem a manter viva a chama da educação escolar quilombola – essa educação que fala baixinho, que dança com o Vento e que ensina, sobretudo, a amar e respeitar a terra, os ancestrais e a própria história.

Tatianne Silva Santos

VOZES, CAMINHOS E PERTENCIMENTOS

O Vento passa por Brisa da Memória como quem reconhece o caminho. Ele entra devagar pelas ruas, toca os muros pintados de tempo, brinca com as folhas das árvores e sussurra entre as casas. Ninguém o vê por inteiro, mas todos o sentem. É ele que carrega as vozes antigas, as risadas das crianças, o cheiro do café coando nas cozinhas e o som das conversas que se espalham pelas calçadas. Ele passa pelas escolas, pelas festas, pelos quintais, levando consigo tudo o que ouve, sem jamais deixar de voltar.

O Vento sabe ouvir. Ele para quando alguém fala, volta quando alguém se lembra, repousa quando a história termina e então segue, levando consigo o que escutou. Nestas páginas, o Vento é testemunha e mensageiro.

Ele se aproxima devagar e convida: vem comigo! Caminhemos pelas ruas de Brisa da Memória, escutemos as vozes que moram nas esquinas, sintamos o que o tempo guardou no coração da cidade, porque há histórias que o Vento não leva – ele apenas espalha para quem quiser ouvir.

No entanto, antes de chegarmos lá, deixemos o Vento nos contar um segredo.

Nem todas as vozes que ele carrega nasceram em Brisa da Memória. Algumas são mais antigas, sopradas de longe, vindas de tempos em que o Brasil ainda aprendia o significado da palavra liberdade. São vozes que atravessaram matas, rios e séculos.

O Vento se ajeita, como quem se prepara para contar algo precioso, e diz baixinho:

— Antes de conhecer Brisa da Memória, é preciso saber de onde vieram os quilombos.

E, assim, o Vento começa a contar...



CAPÍTULO 1

DE SONHO E DE TERRA NASCEU O QUILOMBO

— Antes de chegar a Brisa da Memória, vou te contar uma coisa — disse o Vento, soprando de leve, como quem quer guardar um segredo.

A Menina, curiosa, sentou-se no chão e perguntou:

— Você fala, Vento?

— Falo sim. Falo o que escuto. O Vento é cheio de vozes! Carrego comigo cantos, risadas, histórias e lembranças de muitos lugares.

Ela inclinou a cabeça, encantada.

— Então, me conta uma história.

O Vento girou devagar, como quem procura uma lembrança antiga no meio do ar.

— Há muito tempo, o Brasil era diferente. Muitas pessoas vindas da África trabalhavam à força, sem descanso e sem o direito de escolher o próprio caminho. Mesmo assim, não deixavam o coração se calar. Cantavam baixinho, rezavam e sonhavam com o dia em que pudessem ser livres outra vez.

A Menina ficou pensativa.

— E eles conseguiram? — perguntou.

— Conseguiram, sim — respondeu o Vento. — Muitos escravizados fugiram das fazendas e se reuniram com outros que também sonhavam com a liberdade. Formaram pequenos povoados, escondidos entre as matas ou próximos aos rios, onde podiam viver em paz, plantar, cantar e cuidar uns dos outros. As pessoas que viviam nesses lugares eram chamadas de quilombolas, e os territórios onde moravam receberam o nome de quilombos.

A Menina franziu a testa, curiosa.

— Então, todos os quilombos surgiram dessas fugas?

— Nem todos — respondeu o Vento, com um sopro calmo.

— Alguns homens e mulheres conseguiram comprar a própria liberdade e escolheram viver em terras que, mais tarde, se tornaram comunidades quilombolas. Outros receberam um pedaço de terra como reconhecimento por muitos anos de trabalho, e houve ainda quem se reunisse em torno de uma igreja, de um rio ou de um sonho comum.

A Menina sorriu.

— Parece que cada quilombo tem a sua própria história.

— Tem, sim — disse o Vento. — De maneiras diferentes, essas pessoas criaram espaços de afeto, partilha e esperança. Nesses lugares, cultivavam a terra, preparavam os alimentos, dançavam e aprendiam umas com as outras o valor da união.



O Vento parou por um instante, como se pensasse no que tinha acabado de dizer.

— Assim nasceram os quilombos — falou com doçura. — E é por isso que, até hoje, cada um deles continua a soprar liberdade pelo Brasil afora.

O Vento sorriu em brisa. Os quilombos nasceram do desejo de viver em paz e com dignidade. Lá, as crianças aprendiam observando os mais velhos, que ensinavam com o coração.

A Menina sorriu também.

— Então, os quilombos foram as primeiras comunidades livres de negros escravizados do Brasil?

— Foram, sim — respondeu o Vento. — E ainda existem. Alguns cresceram perto das cidades, outros continuam às margens dos rios ou das serras. Todos guardam a mesma força, a mesma vontade de continuar livres.

Ele soprou de leve, levantando a poeira da estrada.

— Essas histórias, Menina, não ficaram no passado. Elas ainda caminham com essas pessoas. Quando passo por uma comunidade quilombola, escuto o mesmo canto de antigamente: o canto da coragem e da esperança.

O Vento parou, olhou o horizonte e murmurou:

— Agora que você já sabe de onde vêm os quilombos, vamos fazer uma viagem! Quero te mostrar um lugar onde essas vozes continuam vivas!

E o Vento partiu, levando a Menina com ele rumo a Brisa da Memória.



CAPÍTULO 2

QUANDO O VENTO CHEGA NO QUILOMBO BRISA DA MEMÓRIA

O Vento seguiu adiante, levando a Menina consigo. Percorreram morros, plantações e riachos, que pareciam sorrir quando passavam. No caminho, o Vento brincava de levantar o pó das estradas e de balançar as flores do campo. A Menina ria, encantada com o que via.

— Para onde estamos indo, Vento? — perguntou.

— Para um lugar onde o passado ainda fala, mesmo sem palavras — respondeu o Vento, soprando suave.

Logo adiante, o horizonte começou a mudar. O chão ficou avermelhado, o ar cheirava a terra molhada e o sol se escondia por trás das colinas verdes. Ao longe, surgiram pequenas casas coloridas cercadas de árvores e sons.

— Chegamos, Menina — disse o Vento baixinho. — Este é o Quilombo Brisa da Memória.

A Menina olhou em volta, maravilhada. O Vento soprou devagar, mostrando-lhe o bairro que se estendia diante deles. As ruas eram estreitas e vivas, ladeadas por casas próximas umas das outras, onde vizinhos se cumprimentavam de janela em janela. As moradias, diferentes entre si, contavam histórias nas cores e nas formas: havia construções antigas, com muros baixos e janelas de madeira; outras, mais novas, erguiam-se de tijolo e cimento, com varandas, portões e pequenos jardins. Algumas guardavam ainda

o traço do tempo, lembranças de quando tudo por ali era chão batido e poeira levantando com o vento.

O Vento passou rente às calçadas e sentiu o perfume que saía das cozinhas – cheiro de café, de pão assando, de afeto! O som das vozes vinha das varandas e das esquinas, misturado ao riso das crianças que brincavam na rua.

O Vento soprou de leve e observou tudo como quem escuta o coração do lugar. Foi quando viu Dona Firmina sentada na calçada, ajeitando o lenço colorido nos cabelos grisalhos. Tinha o olhar sereno e o rosto marcado de doçura. Usava um colar de miçangas e brincos de argola pequena, que reluziam quando ela se movia.

Perto dela, um menino batucava num balde velho, rindo alto. O Vento sorriu.

— Aquele é Zeca do Tambor — cochichou Dona Firmina, como se adivinhasse o pensamento do Vento. — Vive inventando música com o que encontra.



Mais adiante, Maria das Águas lavava roupa no tanque. Suas mãos firmes batiam o sabão com ritmo de reza. Cantava baixinho uma canção antiga, dessas que parecem conversar com o tempo. O Vento reconheceu o tom – era um canto de saudade e de coragem.

O som do balde, o canto de Maria e o perfume do café se misturavam no ar. Brisa da Memória parecia feita de sons, cheiros e cores. Cada esquina tinha uma voz e cada voz guardava uma lembrança.

O Vento pousou devagar ao lado de Dona Firmina e perguntou:

— Como é bonito o seu lugar! Há quanto tempo vivem aqui?

Ela suspirou fundo e olhou para o horizonte, onde o sol já descia devagar.

— Ah, Vento... este chão tem história. Gente que chegou aqui há muito, muito tempo. Gente que trabalhou duro, que sofreu, mas também que soube rir, cantar e construir com as próprias mãos o que temos hoje.

A Menina sentou-se perto dela, atenta.

— Você pode nos contar, Dona Firmina? — perguntou.

A senhora sorriu, com os olhos brilhando.

— Posso, sim, mas não agora. Toda história precisa de respeito e de silêncio antes de começar. Amanhã, quando o sol nascer, eu conto o que o tempo me contou.

O Vento entendeu. Pairou um pouco sobre a rua principal e observou as pessoas que voltavam do trabalho, os meninos jogando bola, as mulheres conversando à porta. Passou pelas casas, tocando os muros e levantando a poeira fina do chão. Levou consigo o cheiro de café, o canto de Maria das Águas e o riso de Zeca do Tambor. Subiu devagar, olhou a cidade lá de cima e murmurou:

— Brisa da Memória... um quilombo escondido no centro-sul de Goiás, no coração do Brasil.

E partiu devagarinho, prometendo voltar no dia seguinte, quando o Vento ouviria o tempo dos antigos.



CAPÍTULO 3

O QUILOMBO QUE NASCEU DO TEMPO E DA CORAGEM

O sol nascia por trás das colinas, colorindo o céu de tons dourados. O Vento voltou à Brisa da Memória bem cedo, como havia prometido. Soprou devagar pelas ruas estreitas, fez balançar as folhas das árvores e encheu o ar com o cheiro de pão saindo do forno.

Dona Firmina já o esperava sentada na varanda. Ao lado dela, a Menina ajeitava a fita no cabelo e segurava um caderno, pronta para ouvir.



— Chegou na hora certa, Vento — disse Dona Firmina. — Hoje o tempo vai falar.

O Vento pousou aos seus pés, devagarinho.

— Vim pra escutar, Dona Firmina. Quero saber de onde veio o sopro que formou Brisa da Memória.

— Antes de começar, peço licença aos meus ancestrais — disse ela.

A Menina a observava, curiosa.

— Pra quem pediu licença, Dona Firmina?

Ela sorriu com doçura.

— O que vou contar não é só meu, minha filha. É história que vem de longe, que pertence aos que vieram antes da gente. Quando a gente fala do passado, tem que pedir licença, pra não esquecer de quem abriu o caminho.

O Vento se calou, reverente. Até as folhas das mangueiras pareceram ficar quietas, ouvindo.

— Então, escute com o coração, Vento — disse ela —, porque essa história nasceu do chão e da coragem.

E começou a narrar:

— Há muito, muito tempo, antes de existir o bairro que a gente conhece, essas terras eram parte de uma grande fazenda chamada Boa Vista. Vieram de longe os que primeiro pisaram aqui...

O Vento continuou quietinho.

— Dizem que era por volta de 1854 — continuou ela —, trouxeram negros escravizados em cativo, acorrentados, mas foi nesse mesmo chão que nasceu o desejo de liberdade. Mesmo nos tempos mais duros, esse povo cantava baixinho, rezava e esperava.

A Menina perguntou:

— E eles conseguiram ser livres, Dona Firmina?

— Conseguiram, sim, mas foi devagar. A liberdade chegou no papel, em 1888, mas aqui demorou a chegar de verdade.

Mesmo depois da Lei Áurea, muitos continuaram presos a um tipo de servidão. Trabalhavam por moradia e comida, sem direito de escolher.

O Vento suspirou.

— E o que aconteceu depois?

— Com o tempo, algumas famílias foram conseguindo ficar por conta própria. Um fazendeiro acabou doando pequenos pedaços de terra pra quem já morava e trabalhava aqui. Assim, começou o que hoje chamamos de Brisa da Memória. No começo, era só um caminho, um trecho de estrada que levava às fazendas vizinhas. Ao derredor, foram chegando outras pessoas que não eram quilombolas e, assim, formaram a cidade Santa Esperança. Ou seja, Brisas da Memória se tornou parte de Santa Esperança.

A Menina anotava tudo com capricho.

— E as casas? — perguntou.

— No começo, eram poucas. Algumas de pau a pique, outras de adobe, feitas com as mãos. As famílias viviam perto umas das outras, ajudavam-se em tudo: na colheita, nas festas, nas orações. Os laços de sangue e de compadrio formavam uma rede forte, mais forte que qualquer muro.



Dona Firmina fez uma pausa e olhou em volta, como quem revê o passado.

— O resto da cidade não aceitava bem o povo daqui. Era um tempo difícil, de preconceito e silêncio. Muita gente de Brisa da Memória não podia circular no centro de Santa Esperança sem ouvir palavras duras. Então, aqui, se criou um jeito próprio de viver, de rezar, de ensinar e de sonhar.

O Vento girou de leve, tocando a saia da anciã.

— Mesmo assim, vocês resistiram...

Ela sorriu.

— Sempre! A força do quilombo é essa: a de continuar mesmo quando o mundo tenta apagar. Brisa da Memória cresceu, mas nunca deixou de ser o que era. Cada canto, cada rosto, cada história guarda o mesmo sopro de resistência que os antigos deixaram.

A Menina fechou o caderno, com os olhos brilhando.

— Então, Brisa da Memória é um quilombo?

— É, sim, minha filha — respondeu Dona Firmina, orgulhosa.
— Um quilombo que não se esconde nas matas, mas que vive aqui, entre ruas e calçadas, entre o concreto e a memória. Um quilombo urbano, firme como a terra que o sustenta.

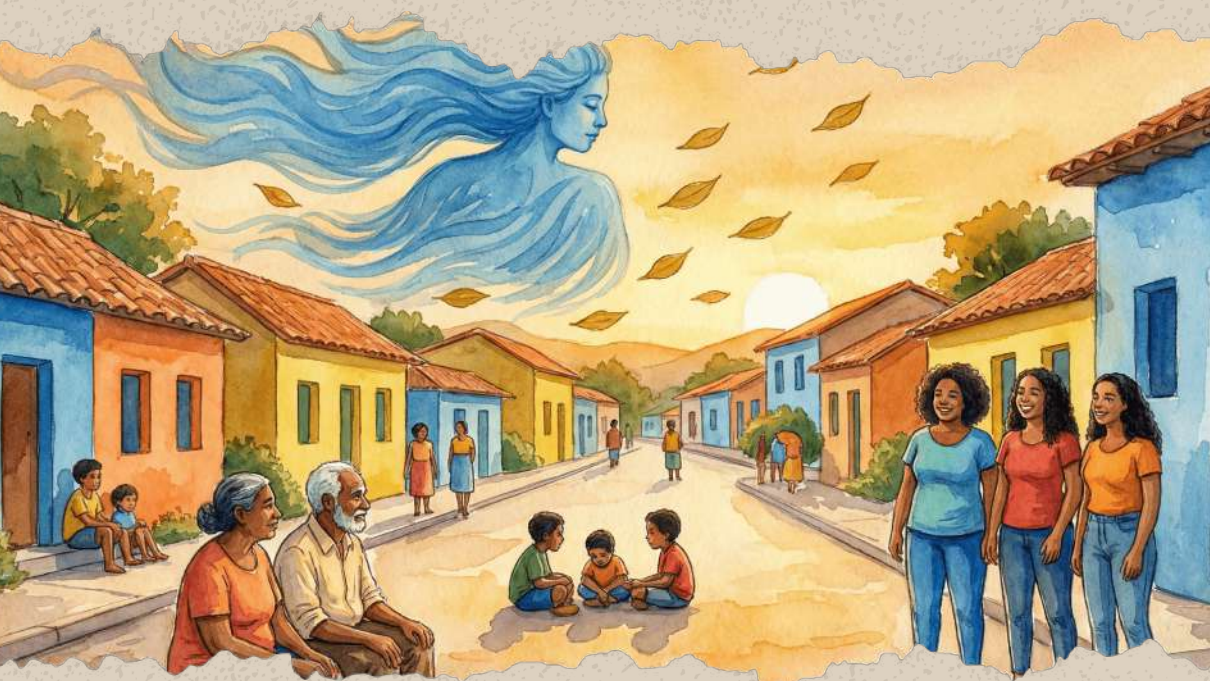
O Vento se levantou, emocionado.

— Dona Firmina, sua história vai viajar comigo. Vou levá-la para todos os cantos, para que o Brasil saiba que aqui, no centro de Goiás, o tempo fala e o povo resiste.

— Então leve, Vento. E diga por aí que o que sustenta Brisa da Memória é o mesmo que sustenta todos os quilombos no Brasil: a resistência, a dignidade e a coragem de quem nunca se esqueceu de onde veio.

O Vento subiu devagar, sentindo o calor do sol, passou pelas ruas estreitas, tocou as janelas abertas e se despediu com um sussurro:

— Brisa da Memória... o quilombo que fez da memória o seu
lar, no centro de Goiás, no coração do Brasil.



CAPÍTULO 4

O DIA QUE O VENTO SE REVOLTOU

O Vento voltou a Brisa da Memória depois de muitos anos. Soprou curioso pelas mesmas ruas estreitas e sentiu que algo havia mudado no ar. As casas estavam mais coloridas, os muros mais altos, os fios cortavam o céu como veias de luz. O tempo tinha passado, mas a memória não.

Ele pousou sobre os telhados, atravessou as varandas, sentiu o cheiro de roupa secando ao sol, de tempero no fogo e de poeira quente. O quilombo respirava outro ritmo, meio cidade, meio lembrança. O Vento se moveu devagar, como quem caminha num sonho que mudou de forma, mas não de alma.

— Você cresceu, Brisa da Memória — murmurou ele —, mas continua sendo feita de tempo e coragem.

As primeiras mudanças chegaram devagar, como quem não quer assustar o silêncio. Vieram de fora: postes, luz, calçamento, escola...

Brisa da Memória ganhou nome nas placas e números nas portas, porém ainda era, para muitos, “o lado de lá”. A cidade dizia que agora tudo era igual. No entanto, o Vento via o que os olhos fingiam não ver: os olhares que mediam, as palavras que feriam em voz baixa, as oportunidades que passavam reto, como se não enxergassem ninguém. O racismo já não gritava – sussurrava. E o sussurro, o Vento sabia, às vezes doía mais que o grito.



A avenida principal de Santa Esperança virou uma fronteira invisível. De um lado, o centro – vitrines, bancos, carros, passos apressados... Do outro, Brisa da Memória – quintais, panelas, risadas, memórias. Entre os dois, o Vento dançava, tentando entender por que o asfalto aproximava corpos, mas ainda separava destinos.

Dentro do bairro, porém, o coração seguia batendo. As vozes das mulheres, os risos das crianças, o som das panelas batendo, tudo isso fazia o Vento lembrar que ali ainda morava o sentido da vida. As famílias continuavam se ajudando, dividindo o que tinham: pão, remédio, abraço, afeto. E, nas tardes quentes, o Vento escutava as rezas subindo do quintal de Dona Firmina, agora já curvada pelo tempo.

— O mundo corre, Vento — dizia ela com a voz branda —, mas a gente tem que correr com raiz no pé!

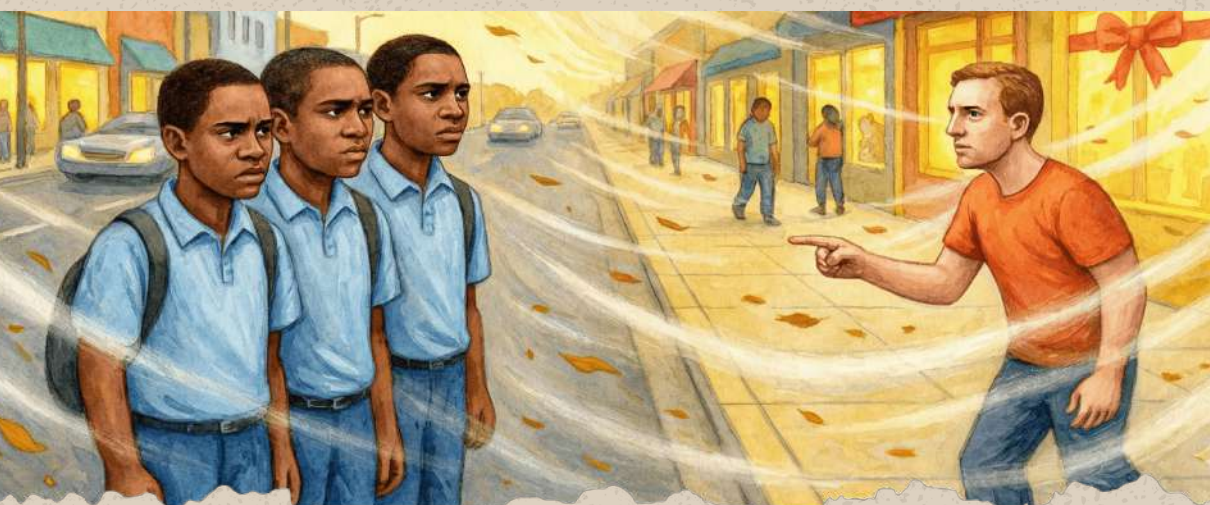
O Vento girava em torno dela como quem faz reverência, pois entendia: o chão da memória é o único que o progresso não derruba.

Os dias seguiram tranquilos, até que veio o dia... o dia em que o Vento sentiu o grito calado do bairro. Foi numa tarde de sol rachando, como dizem em Goiás. Bem na avenida que separava o centro de Santa Esperança de Brisa da Memória, uma loja nova era inaugurada – cheia de luzes, música alta e fita de inauguração.

Do outro lado, em Brisa da Memória, o Vento passava e avistou três meninos parados na calçada. Eram jovens, risonhos, de uniforme da escola. Tentaram atravessar. O Vento ouviu o som dos risos mudarem, uma voz vinda da outra margem disse: “Olha lá... o povo de Brisa da Memória achando que pode andar aqui”.

As palavras vieram frias, mas cortaram o ar como faca. Os meninos pararam. O riso morreu. O Vento soprou, furioso, querendo levantar poeira e arrancar as letras do insulto. Contudo, o asfalto era pesado, e o ar parecia preso.

Foi ali que o Vento entendeu: o bairro podia ter luz, calçamento, ônibus... mas a sombra ainda era a mesma. O preconceito não morrera, só trocou de roupa. O Vento gritou dentro de si, rodopiou pelas ruas, levantando folhas, poeira, cheiro de terra; entrou nas casas, fez bater as portas, mexeu nas cortinas, derrubou as roupas do varal.



Brisa da Memória inteira se ergueu com ele. As vozes do bairro ecoaram, as antigas e as novas, todas misturadas: vozes de quem resistiu, de quem lutou, de quem viveu pra ver o tempo mudar. E, no meio desse redemoinho, o Vento chorou e cantou ao mesmo tempo. Chorou pelos que foram esquecidos, pelos que ainda eram julgados; cantou pelos que não desistiram. E, naquele instante, a cidade inteira pareceu respirar junto – as janelas se abriram, as crianças correram, o sino da igreja tocou longe.

Brisa da Memória estava viva. E o Vento entendeu: a transformação não estava nas paredes nem nas avenidas, estava no peito de quem, mesmo ferido, ainda se levantava todo dia pra existir.

Quando o silêncio voltou, o Vento se acalmou. Nas varandas, as roupas balançavam leves, e o bairro parecia respirar em paz.

O Vento, então, murmurou:

— O tempo muda tudo, mas não apaga o que nasce da dignidade.

E partiu, levando consigo o que aprendeu em Brisa da Memória: que permanecer é o modo mais bonito de resistir.

CAPÍTULO 5

O LUGAR ONDE O SABER NÃO ENVELHECE

O Vento voltou a Brisa da Memória, curioso como sempre. Dessa vez, porém, percebeu algo novo: as ruas estavam cheias de sons misturados – o canto dos antigos e o som dos celulares, o batuque dos tambores e o clique das câmeras. O passado e o presente conversavam, como se um sussurrasse no ouvido do outro. Entre as pessoas, o Vento reconheceu um rosto familiar: a Menina. No entanto, ela não era mais uma menina, era uma mulher. Carregava uma mochila nas costas e um gravador na mão. Agora, era historiadora e tinha voltado à comunidade para registrar as histórias vivas de Brisa da Memória.

O Vento pousou no ombro dela, curioso.

— Você voltou!

Ela sorriu.

— Voltei, Vento. Vim ouvir e aprender. Dizem que aqui o tempo fala, e nós sabemos que isso é verdade!

— E fala mesmo — respondeu ele, rodopiando. — Só precisa saber escutar.



A primeira parada foi a casa de uma senhora de vestido florido e lenço colorido na cabeça.

Ela cortava folhas verdes sobre a mesa.

— A senhora permite que eu grave? — perguntou a historiadora, ajeitando o celular.

A mulher riu.

— Pode gravar, sim. Eu gosto de ver quando o povo se interessa. Quase ninguém quer saber dessas coisas hoje.

O Vento soprou devagar, curioso.

— Como é o nome dela?

— Dona Dita, dizem. Benzedeira antiga.

A senhora levantou um ramo e explicou:

— Essa aqui é boa para tirar dor nas costas e para “Vento virado” — explicou Dona Dita, levantando a arruda —, é quando o bebê tá com cólica.

Ela passou o ramo no ar, fazendo o sinal da cruz.

— A gente benze, reza... e o mal vai embora. Mas o segredo, além da folha, é a fé com que a gente pede — disse, com os olhos brilhando —, porque o benzimento só funciona quando quem benze acredita... e quem recebe também.



O Vento se aproximou, curioso, e viu as folhas se mexendo devagar, como se entendessem o que ela dizia. Ele prestava atenção, encantado. As plantas pareciam se mover com as palavras.

A historiadora sorriu, olhando a gravação.

— E quem te ensinou, Dona Dita?

— Minha avó. E a avó dela aprendeu com a mãe no tempo do cativeiro. É assim que a gente aprende: um ensina pro outro. É o que segura a gente em pé.

O Vento se moveu leve entre as duas.

— O saber é coisa viva: não se guarda, se reparte.

Ao sair da casa, a historiadora encontrou Seu Zeca sentado na sombra, contando causos para as crianças. O Vento soprou entre as risadas.

— Olha ali — disse —, esse é um griô.

— Um griô? — perguntou ela.

— É quem guarda as histórias e tradições do povo na cabeça e no coração

Seu Zeca levantou o olhar.

— Quer gravar também? Eu falo pra todo mundo ouvir: Brisa da Memória é feita de gente que lembra. E quem lembra, não morre.

O Vento girou, feliz, espalhando a voz do griô por toda parte. Enquanto a historiadora fotografava, o tambor começou a bater. As mulheres dançavam, as crianças riam e o tempo parecia girar junto com o Vento. Dona Dita apareceu trazendo um bolo que tinha acabado de sair do forno.



— Come, minha filha. Aqui, comida também é história.

Ela aceitou, emocionada.

— Tudo aqui é história, né, Dona Dita? Até o cheiro da terra.

— É, minha filha. A gente planta lembrança, colhe pertencimento.

O Vento soprou leve e agradecido.

— Então, é isso que todos vocês ensinam: que viver é lembrar e lembrar é resistir!

E Brisa da Memória, naquele instante, parecia respirar junto com ele – entre a fé e o Wi-Fi, entre o sagrado e o cotidiano, entre a folha e o futuro.

CAPÍTULO 6

O DIA EM QUE O VENTO ENCONTROU SEU LUGAR

O fim de tarde chegava manso em Brisa da Memória. O Vento, cansado de tanto andar, parou em frente à casa de Dona Dita, onde o povo costumava se reunir depois do trabalho para prosear. A calçada ainda guardava marcas antigas, e as cadeiras de fios se alinhavam na sombra das mangueiras. O Vento ficou ali, quieto, observando.

Dona Dita saiu com um prato de pão de queijo quentinho e o sorriso de quem sempre tem um tempo para acolher. Logo veio Seu Zeca, trazendo o violão e um banco, que ele mesmo havia feito. Depois, chegaram outras pessoas: uma vizinha com a garrafa de café, outra com um bolo recém-saído do forno, meninos com tambores e senhoras com lenços coloridos. Em pouco tempo, a frente da casa se encheu de gente, de conversa e de riso. Parecia festa!

As histórias se cruzavam no ar como fitas coloridas. Falavam das festas de santo, das promessas, dos casamentos, dos nascimentos e das crianças que agora estudavam longe, mas voltavam com orgulho para dizer que eram de Brisa da Memória. Cada palavra parecia um fio, e todos, juntos, teciam o manto invisível que cobria e protegia a comunidade.



O Vento olhou tudo e compreendeu sem precisar de som. A força de Brisa da Memória não morava nas casas novas nem nas ruas asfaltadas, mas nas mãos que se ajudam, nas vozes que se escutam e nos olhos que se reconhecem. Era ali, naquele gesto de partilha, que o tempo encontrava sentido.

O sol descia devagar, pintando o céu de laranja e rosa. As crianças pararam de correr para ouvir Seu Zeca tocar, e Dona Dita começou a bater palmas, marcando o ritmo. Logo, estavam todos cantando juntos. A música subia leve e bonita, como se fosse uma reza antiga que o Vento nunca tinha ouvido antes. Ele sentiu vontade de chorar – se é que Vento pode chorar –, porque entendeu que a vida é tecida assim: com mãos que se ajudam, vozes que se escutam e corações que resistem cantando.

SOBRE A AUTORA

Tatianne Silva Santos é goiana, mãe, pesquisadora e educadora. Dedicou-se ao estudo e à valorização das comunidades quilombolas, atuando na produção de livros paradidáticos e em ações voltadas à educação para as relações étnico-raciais e à educação escolar quilombola, temáticas sobre as quais também pesquisa e publica.

É doutora em Performances Culturais, mestra em Ensino na Educação Básica e especialista em Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Servidora do Instituto Federal Goiano, desenvolve trabalhos e projetos voltados à inclusão, à diversidade étnico-racial e à valorização das memórias e dos saberes das comunidades tradicionais na educação e na literatura.

1º edição Goiânia-GO
Tipografia Inter

HÁ HISTÓRIAS QUE O TEMPO NÃO LEVA, ELE APENAS ESPALHA. EM QUILOMBO BRISA DA MEMÓRIA= LUGAR ONDE O VENTO SOPRA O QUE O TEMPO NUNCA LEVOU, O VENTO SE TORNA GUIA E GUARDIÃO DE VOZES, CONDUZINDO LEITORES POR UM TERRITÓRIO ONDE PASSADO E PRESENTE CAMINHAM JUNTOS. POR MEIO DE UMA NARRATIVA POÉTICA E ENVOLVENTE, ACOMPANHAMOS UMA MENINA QUE APRENDE A ESCUTAR AS HISTÓRIAS QUE VIVEM NAS RUAS, NAS PESSOAS E NOS GESTOS COTIDIANOS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA, DESCOBRINDO QUE A MEMÓRIA É UM LUGAR VIVO, QUE PULSA E ENSINA.

INSPIRADO NAS VIVÊNCIAS E ESCUTAS REALIZADAS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE GOIÁS, O LIVRO APRESENTA PERSONAGENS QUE GUARDAM SABERES ANCESTRAIS, COMO BENZEDEIRAS, GRÎOS E ANCIÃOS, REVELANDO MODOS DE VIDA MARCADOS PELA COLETIVIDADE, PELA RESISTÊNCIA E PELO CUIDADO COM A MEMÓRIA. AO MESMO TEMPO, A OBRA CONVIDA O LEITOR A REFLETIR SOBRE AS MARCAS DO RACISMO E OS DESAFIOS AINDA PRESENTES, MOSTRANDO QUE, MESMO DIANTE DAS MUDANÇAS, A DIGNIDADE E O PERTENCIMENTO SEGUEM SENDO A BASE DA VIDA QUILOMBOLA

MAIS DO QUE UM LIVRO PARADIDÁTICO, ESTA É UMA OBRA AFETIVA, QUE CELEBRA ANCESTRALIDADE, VALORIZA A CULTURA NEGRA E RECONHECE O PAPEL DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA CONSTRUÇÃO DO BRASIL. PENSADO PARA AS INFÂNCIAS, O LIVRO PROPÕE UM ENCONTRO COM A HISTÓRIA A PARTIR DA SENSIBILIDADE, DO RESPEITO E DA ESCUTA, SEMEANDO NOS LEITORES A COMPREENSÃO DE QUE LEMBRAR TAMBÉM É UM ATO DE RESISTÊNCIA E QUE HÁ MEMÓRIAS QUE O VENTO NUNCA LEVA, APENAS ESPALHA.